

A MULHER E O "OUTRO GOZO"*

Mani Álvares**

A trajetória dos impasses do gozo descrita neste livro não poderia ter sido feita senão por alguém que, do lado feminino, tenha participado daquilo que lhe é próprio. Isto se sente na argúcia de certas observações, certas frases nas quais uma mulher se reconhece por inteiro. Seu gozo se torna assim quase desmistificado, quando, por exemplo, o autor apresenta fragmentos da análise de uma paciente nos quais ela confessa a sua verdade, embora envolta nas brumas de um sonho... "o prazer enorme de ser um grande bebê, perfeitamente passivo entregue à sua mãe."

Este desejo funda os impasses de um gozo que, para a mulher, é excepcionalmente enigmático. Um gozo para além de qualquer possibilidade de nomeação e que só encontra nesta relação primeira com a mãe uma via de expressão, porque foi nela, e através dela, que o corpo próprio adquiriu um certo sentido de unidade.

Toda a "exceção feminina" está centrada nessa questão dos impasses do gozo e dos caminhos criados pela pulsão para assegurar a existência humana. A Psicanálise, através da clínica, pôde demonstrar o quanto o gozo do ser humano, ou seja, a fruição de um bem que é o seu próprio corpo, é problemática. Isto porque o gozo é algo que não se encontra limitado, definido pelo fisiológico; pelo contrário, ele é capturado, preso nas articulações de uma língua materna que continuamente se pergunta sobre sua significação última. E é justamente em torno desse desamparo, desse vazio que a língua encobre, desse "furo" a partir do qual se organiza a linguagem, que se ancora a percepção do mundo.

(*) Resenha do Livro "A exceção feminina: os impasses do gozo" Gerard Pommier Jorge Zahar Editor - R.J. - 1987.

(**) Doutoranda - Faculdade Filosofia - UNICAMP

E aí reside, a meu ver, a grande importância não só deste livro, mas também de uma leitura em profundidade da teoria psicanalítica para uma reflexão feminista. Conceitos como educação discriminatória, patriarcado machismo e até a violência contra a mulher passam a responder a uma (des)ordem anterior no caminho das pulsões... E, sob esta ótica, podem-se abrir horizontes incomensuráveis para uma teoria e uma prática feminista. Inclusive a nível epistemológico, pois, longe de legitimar a soberania do falo, a psicanálise, na verdade o desmistifica.

O autor revelou estar particularmente atento a algumas formulações da teoria psicanalítica que deram origem a interpretações errôneas e superficiais no que toca à questão feminina, como a do orgasmo clitoridiano e o vaginal, da "passividade" feminina, da predisposição à bissexualidade, na mulher, e da famosa tese lacaniana de que A Mulher não existe. Por isto ele retoma a questão do "continente negro" e reflete, ao longo do livro, sobre a especificidade do feminino.

Até então a angústia que o ser humano pode experimentar jamais havia sido relacionada com a questão da castração. Indagações metafísicas, espiritualistas e mesmo filosóficas sempre tentaram, no decorrer da história, responder a este sentimento de precariedade da vida humana.

Ao introduzir, portanto, a questão do falo, signo da diferença, Freud definiu a castração não como pura diferença anatômica entre os sexos, mas como um momento de corte, vivido com intensidade como separação da mãe. A castração surge da percepção de que o desejo da mãe se orienta alhures, para algo ou alguém que ocupa o lugar do pai na relação triangular. Este é o momento inaugural do ser humano, aquele em que a Lei, ou o Nome do Pai, na terminologia lacaniana, promove uma cisão no "infans" que o diferencia do outro, da mãe, cisão esta que irá ser preenchida pela linguagem.

A mulher, por uma questão específica de seu sexo, passa por esse processo de forma diferenciada, e é justamente isto que irá constituí-la na "exceção". É o autor quem o diz: "À palavra "feminino" falta referente. Ela conhece, na ordem do discurso, o mesmo destino da vagina no plano anatômico; a palavra existe, o órgão existe, mas o investimento fálico que lhe seria necessário para aceder ao saber é, por definição, faltoso."

Isto significa que a mulher porta um desconhecimento, um não-saber de si originário. Por isto não teria identificação e sim identificações que exprimem a falta de consistência do traço identificatório e revelam a impossibilidade de se definir um modelo feminino. Desse lugar, excluído de um saber e, portanto, também excluído do próprio discurso, a mulher se situa enquanto portadora das fantasias masculinas.

É surpreendente constatar a adequação de tais conceitos com a realidade da mulher, com a angustiante falta de referenciais que a identifiquem em sua especificidade, e não em relação ao masculino.

Por outro lado, é essa ausência de um símbolo feminino que, segundo o autor, permite à feminilidade escapar às palavras e se manter em outro lugar que não aquele de onde se mostra, e de onde articula um acesso ao gozo que é um excesso de gozo, também chamado de o "Outro gozo".

No capítulo intitulado "A mística, verdade do gozo feminino", Pommier analisa várias frases de místicos famosos, nos quais está presente um gozo de uma outra ordem, que escapa ao saber e à linguagem. A união mística é aquela que goza com o apagamento do corpo, no momento em que o significante falta. "Quando a alma chega até aí, ela perde seu nome." Deus seria o vocábulo último para nomear o nada. Por isto, segundo a mística Angela de Foligno, só se pode gritar ao ouvi-lo. Grito orgástico que escapa da mulher no momento do gozo.

Nisso constitui a polêmica tese da "passividade feminina" da qual falou Freud. Trata-se, na verdade, de um ato, uma procura ativa de ser penetrada por Deus ou pelo falo. Ativo e passivo se referem a modalidades da libido, e não qualificações para o masculino ou o feminino. Tais conceitos sofreram o estigma de uma redução psicológica à ideologia, o que deu margem a uma falsa interpretação da teoria.

Numa definição sintética, seria "ativo" aquele que goza com o outro sexo pelas vias da fantasia, enquanto que "passivo" seria aquele que suporta a fantasia do outro sexo para convocar a "mãe impessoal" do Outro gozo. Portanto, tudo que o falo e o homem amado permitem é abrir, à mulher, um acesso enviesado à mãe. O Outro gozo é aquele que encontra, para além do homem, a mãe. A mãe como verdade primeira, prazer

inominável, gozo perdido e só reencontrado através do sonho e do orgasmo, na mulher. Tudo a que o homem, nesse domínio, pode aspirar, é a ser espectador, a testemunha perplexa de um vôo que ele, por princípio, desconhece.

Há uma passagem na mitologia que conta que Tirésias, metamorfoseado em mulher durante sete anos, teria revelado aos deuses do Olimpo que a mulher encontra no amor um gozo dez vezes superior ao do homem.

Hera, furiosa por terem descoberto seu segredo, faz com que ele fique cego. O segredo é que é preciso que a mulher permaneça invisível ao olhar, para que possa vestir as fantasias do homem, provocar seu desejo, conduzi-lo ao ato. Ela precisa de sua ereção para ir além do falo e aceder ao Outro gozo. Este é o mistério que se transmite de mãe para filha, sem que se saiba ou se fale dele. Vestida de fantasia, a mulher entumesce o falo masculino que, supostamente, irá preencher sua falta; esta ilusão mantém viva a espécie humana.

A isto se referia Freud, quando falou da mudança da zona erógena, na mulher. Enquanto clitoridiana, a mulher se limita a um gozo fálico, próprio do homem; só a vagina, enquanto orifício erogeneizado, lugar simbólico de um "furo" do saber, lhe permite o acesso ao Outro gozo.

Ao término do livro, fica-se com a sensação de ter, o autor, realizado um verdadeiro ato sexual através da descrição das minúcias com as quais se organiza a sexualidade humana. A travessia que faz do corpo feminino é a de quem conhece de dentro para fora.

No entanto, e apesar disso, ele porta o falo, na medida em que brande a linguagem para falar de um gozo que a ultrapassa. E nisso ele confirma a tese freudiana de que o masculino e o feminino, para além da definição anatômica do corpo material, se refere muito mais a formas de organização da libido, nas trajetórias das pulsões.

Ao final do livro, Gerard Pommier é o próprio sujeito "que se desvanece nessa ereção. E, desvanecido, ele subsiste, então, como puro suporte de fantasia aniquilado, golpeado pelo nada cintilante que o fascina." Nesse momento, embora ainda perdidamente embaraçado com a linguagem, ele parece pressentir o mergulho regressivo nas prumas do Outro gozo, próprio da mulher.